



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

**VALORES DOS INSTRUMENTOS TRADICIONAIS RELIGIOSOS DOS
KAIOWA**

JESUS DE SOUZA

TRABALHO DE CONCLUSÃO
DE CURSO DE GRADUAÇÃO
EM LICENCIATURA
INTERCULTURAL INDÍGENA
TEKO ARANDU,
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS
HUMANA -FAIND- UFGD.

ORIENTADORA
PROFESSORA LAURIENE
SERAGUZA

Novembro 2015

VALORES DOS INSTRUMENTOS TRADICIONAIS RELIGIOSOS DOS KAIOWA

Jesus de Souza¹

RESUMO

Esta pesquisa surgiu através de meu interesse em sempre buscar informação com os mais velhos e com os rezadores Kaiowa. Como sou professor de Práticas Culturais na Escola Municipal Indígena Nandejara Pólo, na aldeia Te'yikue em Caarapó, MS, nas turmas das séries iniciais e educação infantil surgiram essas vontades de conhecer um pouco das histórias e trajetórias do *xiru*. Ele sempre se faz presente em cada momento e em lugares que acontecem eventos, como o ritual dos rezadores. O trabalho trata do uso e da importância do *xiru* pelo *ñanderu* no passado e nos dias atuais. Por esse motivo procurei conhecer por meio de entrevistas orais e pesquisa de campo com rezadores, como acontece o processo de valorização deles na família, abordando aspecto da educação, saúde, crença e organização social.

HÁ'IMBYKY

Ko tembiapo jeporeka oiko cherupive aikuaase heta ara aiko umi ñande ramoi kuery itujavea ndive há umi opurahei kaiowa. Che hae petei mboeha tembiapo jehupy teko tee, jechukapy mboeroy ñandejara polope tekoha te'yikuepe tenta Caarapo-MS, mitakuera ñepyrumby peguie. Ojehu che mbaekuaase rupive michimi jepe chiru rehegua marandeko há hekovekue rehegua. Hae oimante voi meraea hendape tembiapo ojehuhape ojapo hape umi ñanderu jehovasa ojapo hape. Ko tembi'apo omombeu xiru rehegua imarangatuha ñanderu kuera rupi, maymarupi há ko ara peve. Upeicharupi aheka aikuaa ñeporandu rupive há jeporeka resaka ñanderu ndive ñemombae guasuha pehengue pe oipyhy ave ko arandu, tesai, jeroviapy há ñemoi poramby teko rehegua (organização social).

PALAVRAS-CHAVES: XIRU; KAIOWA; MATO GROSSO DO SUL.

¹ Acadêmico do Curso de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, habilitação Ciências Humanas.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao rezador Lídio Sanche por ter me ajudado muito e por ter repassado seu conhecimento tradicional para mim. Também dedico ao Florêncio Barbosa, conhecido como “Baixinho”, que contribuiu muito com o seu conhecimento tradicional e para Cicero da Silva e os demais rezadores que contribuíram com seus relatos e à todas as comunidades indígenas em especial aos moradores da reserva Te’yikue.

AGRADECIMENTO

Este estudo me fez compartilhar as ideias e conhecimentos com os rezadores, sempre tentando buscar os valores tradicionais, relatando e registrando na memória, que isso seja fortalecido sempre; agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força e também a minha esposa Evanir Lemes e minha filha Diuly Estemilly Lemes De Souza, ao meu filho Geonilson de Souza Paim, por ter me dado força para chegar até aqui e para os senhores Lídio Sanche, Florencio Barbosa, Cicero da Silva e os demais que contribuíram comigo com suas experiências.

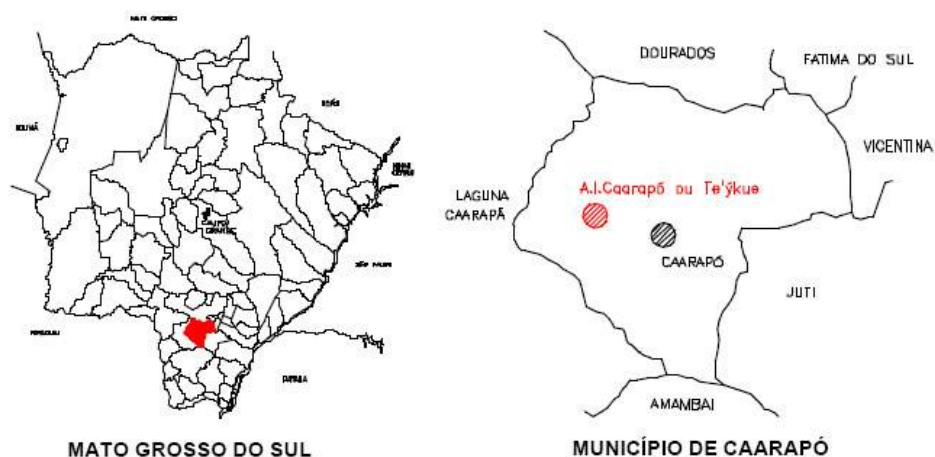
INTRODUÇÃO

A aldeia Te’yikue está localizada na cidade de Caarapó, no Mato Grosso do Sul, está distante 15 km do centro urbano deste município. Foi criada no dia 20 de novembro de 1924, por decreto do então presidente da república, através do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) como reserva indígena José Bonifácio com 3.600 hectares. Nessa aldeia vivem aproximadamente 6 mil pessoas com 927 casas, sendo a maioria delas kaiowa guarani e se encontra também famílias guarani ñandeva que vieram de outras regiões como das aldeias Porto Lindo, no extremo sul deste estado, conforme dados da SESAI obtidos através do trabalho de campo junto às agentes de saúde indígena (AIS).

As famílias da aldeia Te'yikue mantem a religião tradicional, mas algumas das famílias já participam da religião dos não índios, como as católicas e as evangélicas. Atualmente existe nesta aldeia, como pude verificar durante meu trabalho de campo, entorno de 47 igrejas pentecostais.

O meu trabalho de campo foi realizado durante os anos de 2014 e 2015, em Te'yikuê e durante as etapas da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu. No mês de setembro de 2014 estive com o rezador Lídio Sanche, com quem procurei dialogar sobre os diversos tipos de *ñengarai*, em sua casa de reza. Em outubro de 2014 trabalhei com a temática do *xiru* e outras relacionadas a cosmologia e meio ambiente junto aos meus alunos e realizamos uma visita de campo ao rezador Florêncio e ao senhor Cícero. Em outubro de 2015 procurei entrevistar alunos e professores também sobre esta temática, além de realizar conversas durante as etapas na universidade entre 2014 e 2015 frente a presença de rezadores.

Aldeia Indígena CAARAPÓ ou TE'YIKUE



(Fonte: NEPPI, UCDB)

Dentro da aldeia Te'yikue existem 4 escolas municipais, uma pólo e 3 extensões, sendo Loide Bonfim de Andrade, Bocajá, Savera e Ñandejara Polo. Há também uma

escola do ensino médio, Yvy Poty. Na escola municipal da aldeia há 1.406 alunos do pré ao 9º ano, e já no ensino médio incluindo o EJA (ensino de jovens e adultos) há 294 alunos. Existem alguns projetos ligados a escola municipal indígena como a UNIDADE AGRO-ECOLOGICA, onde os alunos desenvolvem trabalhos práticos relacionados a questão de roça, plantas frutíferas, criação de pequenos animais como porcos, galinhas, coelhos. Essas atividades são feitas pelos próprios alunos desde o 5º ao 9º ano de toda a escola municipal indígena da aldeia. Nesta unidade são acompanhados pelos dois professores específico desse projeto. O trabalho do aluno é de 2 horas, cada turma tem horários diferentes, onde os alunos aprendem o trabalho prático para que possam ajudar e incentivar com essas atividades suas famílias. Também tem um viveiro de mudas, onde se produz 5.000 mudas nativas regularmente. Isso também está ligado a escola. Muitas pessoas buscam trabalho fora da aldeia para conseguir sustento para sua família; vão trabalhar na usina de álcool, em fazendas vizinhas, em cidades. Algumas famílias trabalham na empresa de grãos COAMO.

Nossa organização social, a dos Kaiowa em Te'yikue, é formada hierarquicamente pelos grupos familiares, depois pelos caciques e lideranças e pelos professores e agentes de saúde indígenas. Os indígenas são falantes de sua língua materna; as crianças são ensinadas desde pequenas pela sua própria família a falar na língua guarani ou kaiowa, a segunda língua que é a portuguesa só aprendem nas escolas e através das tecnologias como; celular, televisão, computador, notebook, sendo que as famílias não ensinam eles a falar português em suas casas. Mesmo com esses tipos de ensinamento e aprendizagem os alunos são levados para as escolas; assim os professores ensinam a segunda língua, mas eles preferem utilizar a língua materna para se comunicar. Diante desses contextos procurei desenvolver este trabalho de pesquisa, analisando os conceitos e a trajetória do *xiru*, para conhecer e registrar estas histórias em memórias para as futuras gerações dos povos kaiowa guarani. Pretendo descobrir mais o conceito que fortalece o poder do *xiru* e trajetória duradoura diante do seu estar nos lugares passados. Escolhi esses temas devido a necessidade de produzir material escrito sobre o assunto pesquisado, de acordo com as reflexões indígenas.

A IMPORTÂNCIA DO “XIRU” ENTRES KAIOWA

Neste contexto o *Xiru*, um instrumento ritual produzido a partir da madeira retirada das árvores de bálsamo sempre foi fortalecido dentro da família guarani kaiowa. *Xiru* pode ser feito de *yvyra para*, *yvyra guaa*, *yvyra ita ku’i*, geralmente árvores sagradas que se encontram na grande mata ou ainda em algumas das regiões da aldeia. Assim até hoje temos ainda este grande mestre nos protegendo dia a dia dos males, cuidando dos seres da terra. Ele é um tronco para os kaiowa guarani, a comunidade tem ele como espelho, um exemplo a seguir. *Ñanderu* usava o *xiru* para viajar na face do mundo ou o que nós chamamos de *yvy rendy*.

Ele usava quando se perdia, quando não sabia mais para onde ir ele colocava em cima do peito e o *xiru* lhe mostrava o caminho certo. Assim, ele continuava seu caminho na face da terra. Na cosmologia kaiowa é ele que protege a terra, por isso que quando ele se manifesta os seres da terra ouvem um grande trovão. As árvores de bálsamo são sagradas, sempre que os povos indígenas guarani kaiowa encontram essas árvores era sinal de que o *ñanderu* estava lá cuidando desses *tekoha*, então quando é assim eles, os rezadores, já marcam esses locais para construir suas casas e roças nesse lugar. A presença do bálsamo é sinal que tem bastante animais para caça e solo fértil para plantio, bastante plantas medicinais para os usos da família. Há alguns anos atrás, um *ñanderu*, aquele que tem o poder de falar com *Ñanderu* “Deus”, rezou sete dias, quando ocorreram muitos suicídios e enforcamentos na reserva Te’yikue. O *ñanderu* disse que isto aconteceu pelo fato de terem retirado todos os *Xiru* da reserva, relatou do *ñanderu* Cicero da Silva.

O *Xiru* é muito importante para o kaiowa, pois nele se manifesta o espírito da alegria (alma, *Ñe’e*) e é isso que faz as pessoas se sentirem alegres, completas no corpo, deixa-as pessoas felizes. Ele é uma referencia para cada momento de alegria, protege a alma, por isso quando ele estiver presente no lugar, podem chegar que ali é um lugar para alimentar seu espírito. O *Xiru* não é um objeto que pode ser mudado de lugar de qualquer forma e de qualquer jeito, trata-se de um instrumento que deve ser deixar num lugar só, pois isso faz mal a ele. A mudança de lugar pode ocorrer através de reza, para que ele não coloque alguma coisa no corpo das pessoas ou possa fazer mal para pessoas. Neste contexto para voltar a colocá-lo no lugar novamente é preciso rezar para o *amba*

dele, onde ele estava, pois é um instrumento muito delicado e muito rígido, por isso, não se deve fazer ou mexer nele de qualquer jeito.

Na cosmologia kaiowa o *xiru* tem sua importância, pois é através dele que os seres da terra se comunicam com o *ñanderu* “lá de cima”, o nosso espírito pode se associar junto com ele, e pode ser usado para combater qualquer tipo de doença. Por isso que quando for colocado na água, a água não pode ser jogada em qualquer parte do lugar da casa, pois a água pode se transformar em formigas, pulgas e podem ocupar o lugar ou o espaço que eles ocupam. *Xiru* sempre está presente em todos os lugares; na reunião, na recuperação de terra, no curso da faculdade, no *aty guasu* (grande assembleia) dos Guarani e Kaiowa, nos encontros dos professores indígenas e antigamente era usado na hora do parto das mulheres que precisavam benzer para que os partos ocorressem tranquilos. Eles são as principais referências de felicidades para os Kaiowa e sem eles não vivemos. Eles nos protegem, protegem nossos espíritos, e com ele os Kaiowa aprendem de onde vem o *heko jara* (os nossos donos). Os Kaiowa possuem sua própria maneira de entender as fases de desenvolvimento e a passagem de vida, chamado de *teko retã*.

As pessoas acreditam nas existências dos vários deuses como *ñandejara*, nossos pais, *ka'aguy jara*, deus da mata, *pytu jara*, deus da noite, *temity jara*, deus das plantas da roça e vários outros deuses que protegem dos males. Além desses deuses, as pessoas acreditavam desde muito tempo na existência de vários espíritos que pode fazer mal as pessoas, como o caso das pessoas que morrem de violências ou de enforcamento. A alma fica perambulando por todos os lados, atormentando pessoas que estão vivas no caso das famílias que algum parente morreu.

Para os Kaiowa e Guarani é preciso respeitar a todos, até mesmo as plantas, por que cada qual destes seres tem seu dono e, por exemplo, quando vai caçar é preciso pedir permissão aos donos antes de sair de casa e fazer *jehovasa*, um gesto com as mãos como que afastando todos os males da frente, pois assim os indígenas acreditam que existem vários deuses e os respeitam muito, inclusive os mortos, por que ainda continuam vivendo em espírito no meio das pessoas vivas, principalmente no lugar onde essa pessoa viveu e morou antes de morrer. *Xiru* de árvores de bálsamo sempre foi importante nesse caso para os Kaiowa que o utilizam na água para jogar em volta da casa e na estrada que dá acesso à casa. O *xiru* tem o poder da cura e quanto mais antigo maior seu poder de cura.

A CHAMA DO XIRU

Na cosmologia Kaiowa os instrumentos rituais estão sempre conectados, onde tem o *xiru*, tem o *mimby*, pequena flauta de madeira, *apyka*, banco cerimonial de madeira, e os *jara kuera*, os donos da água, floresta, roça, tempestades, geadas, trovões, etc. Quando o *Ñanderu* vai conversar com as pessoas para explicar a história do *xiru*, procura comentar de forma muito delicada com as pessoas que ainda não possuem este conhecimento, como fez comigo. Em nossa conversa ele afirmou que os primeiros *xiru* foram trazidos pelo *jehexakáry*, do seu lugar de origem, chamado *yjyvái*, foi quando o *Ñaderuguasu* lhe deu um corpo com espírito, para estabelecer diálogo constante com *ñanderu*. Desde o momento que um rezador possui o *xiru*, precisa colocar em prática a reza, todas as noites, para omboro'y os espírito que está no instrumento sagrado, assim o poder do *xiru* se manifesta de acordo com a reza. *Xiru* deve ficar perto do seu dono, pois precisa sempre estar perto de onde deve ser mantido pela reza, se o *ñanderu* estiver longe do *xiru*, ele podem ficar doente. Quando isto ocorre é preciso dialogar com o *xiru* para mandar os espíritos até o seu dono para que ele se cure e o poder do *xiru* se manifeste mais rápido.

A CONSTRUÇÃO DO XIRU

É importante que se respeite o *xiru* diante do seu altar, pois ele é o princípio da natureza que foi feito para cuidar dos seres na terra e que ainda está muito próximo do seu dono que fortalece sua manifestação. Cada passo dele se desenvolve socialmente em conjunto à visão cosmológica, ressaltando o seu poder de demonstrar o caminho livre, sem ter que se preocupar com o seu destino. O *xiru* é quem revela seu interesse individual através do assessoramento dos *ñanderu*. O *xiru* deve ser produzido de acordo com a reza dos *ñanderu*, assim, até para mudar de um lugar para o outro pode ser tocado sem que faça mal a ninguém.

AS SOFRÊNCIAS DE XIRU

O meu interesse em buscar o conhecimento sobre o *xiru*, foi muito importante, pois pude conhecer pessoas e o que pensam em relação ao *xiru*, que atualmente é difamado por algumas pessoas que não compartilham da religião indígena e o *xiru* sofre com os palavrões, *ojeja'ó*. Não é preciso identificar o espírito que está em volta dele, é preciso ter fé e esperança para que possa estabelecer seu poder divino. Devido a isso procurei informações detalhadas e registrei para outras pessoas verem que isso é muito valioso diante do contexto na vida social kaiowa guarani.

Atualmente o *xiru* sofre muito crítica pela consequência da igreja pentecostal na aldeia, muitos já não acreditam, não valorizam mais e consequentemente acabam enfraquecendo o rezador. Os próprios rezadores sofrem essa crítica. Para o evangélico o *xiru* é o lugar onde o demônio se manifesta ou os “macumbeiros”, assim os rezadores acreditam que eles não tem mais o conhecimento valorizado em suas comunidades, quando na cosmologia kaiowa existem vários deuses, segundo os relatos que obtive durante a pesquisa de campo realizada para este trabalho com o rezador tradicional, Lidio Sanche, morador antigo da aldeia Te'yikue;

Hoje nós vivemos muito humilhados diante das nossas crianças, parece que nossos respeitos, nossos conhecimentos para eles já não servem mais, eu me sinto assim, *ñamoi* me ensinou muita coisa, me falou que mais tarde eu ia presenciar o acontecimento das coisas ruins na terra, e quando isso ocorresse, o rezador sábio da aldeia já estaria descansando. Ele sempre falava isso para mim. (Lídio Sanhes, em entrevista, 2015)

Já a rezadora da aldeia Jaguapiru em Dourados, MS, *Ñandesy* Floriza de Souza 57 anos disse assim para mim enquanto fazia a pesquisa de campo:

Nós indígenas já nascemos de *jasuka rendy* para viver aqui na terra, quando nascemos o *xiru* já estava na nossa mão, ele foi dado para proteger-nos de todos os males que estão em volta do mundo da terra,

ele foi feito para curar as doenças, ou seja, pessoas doentes. Para benzer as crianças doentes é preciso lavar o *xiru* com água, apenas dois dedos de cada, mais que isso não pode, isso se chama *omboja'o* dividindo um pedaço para a criança para benzer, por que ele é um tipo de um gato pequeninho que está no meio dos braços do *xiru*, a água que lavou ela precisa ser jogado no fim da tarde para que ele não se torne alguma coisa ruim, o céu, *yvy rendy* foi feito por ele mesmo, por isso onde nós estamos morando não está acontecendo nada de ruim, pois ele trabalha mais no outro lugar do estado, que em outro lugar a gente vê que está acontecendo vários tipos de coisas como terremoto e outros tipos de coisa que prejudica os não índios, isso aqui não acontece por que ainda tem rezadores que sabe reza para evitar as catástrofes. (Floriza de Souza, em entrevista, 2015)

O *xiru* aparece de diversas maneiras na cosmologia dos Kaiowa, como pode ser percebido no relato de outro senhor *ñanderu*, Cicero da Silva:

Xiru, ele é nosso mesmo, quando nossos *ypy*, ancestrais, viveram na terra precisava de alguém para cuidar da vida, então o *ñanderu*, *tupã* deu a ele o *xiru* para poder cuidar da vida, desde então fortalecimento do *xiru* é algo muito forte por isso não devemos judiar dele, pois é ele que protege nossa terra, se ele um dia não cuidar mais da nossa vida, podem acontecer muita coisa ruim na terra, já começamos a ver as coisas que não deviam acontecer com os seres da terra, *yvy porã*. Ele é nosso corpo e alma, nele que vivemos o nosso espírito, por isso o *xiru* é importante. (Cicero da Silva, em entrevista, dezembro de 2014).

Cada *tekoha* tem seus rezadores que compreendem diferentes modos de interpretar seu *xiru*, como pude perceber na história contada por um senhor do *tekoha* de Dourados, Jorge da Silva *Ava Poty Rendyi ñanderu*, 60 anos, morador da aldeia Jaguapiru que contou sobre o início do *xiru* assim: “*Xiru* ele é vida, *hekove*, quando nascemos já existia *xiru* na nossa mão”. Este rezador destaca mais sobre como podemos produzir um *xiru*, e de que é feito, uma maneira de produzi-la mas com a importâncias de reza para suas proteção ou seja ter reza que prevalece a ele.

Fábio Mura, em seu estudo sobre o *xiru*, descreve que: “Nas narrativas indígenas, as suas vontades e exigências muitas vezes confundem-se com as dos próprios *xiru*, estes últimos possuindo características psicológicas similares aos dos seres humanos (sofrer de solidão, sentimento de abandono, de raiva, etc) (MURA, 2006, p. 331). Florêncio Barbosa morador da aldeia Te'yikue, 82 anos, relatou que:

xiru é feito de *yvyra ryakuagui*, o principal, nunca se pode produzir *xiru* com qualquer tipo de madeira retirado das matas, pois isso pode fazer mal as pessoas, também como *yvy ra'ija*, nunca pode mudar de lugar de qualquer jeito, sempre tem que ser com rezador, por isso devem ser respeitadas as regras. (Florêncio Barbosa, em entrevista em 20 de outubro de 2014).

Conversando com a senhora Norina Savala, 87 anos sobre a importância do *xiru* e seus valores nos momentos rituais desenvolvidos no âmbito da família, como a própria presença do *xiru* no movimento de cada família dos *ñanderu*, e também em algumas famílias que realizam o batismo de crianças com a presença do *xiru*. Ela explicou que:

Xiru é o corpo do *ñanderamoi tupã*, representa alegria, saúde, alimenta nosso espírito, alma. Sem eles não podemos sobreviver, ele é tudo para nós, eu quando era criança cresci junto com meu compadre Jorge que se chamava *Karai*, e acompanhava ele em todo lugar que ele visitava, na época ele fazia muito batismo de milho branco, naquela época tinha duas casas de reza aqui, vivíamos muito felizes, não tinham violências e bebidas, bebida era *kagui*, *chicha*. As crianças se divertiam a vontade e então, a partir dos anos 90 para cá, a maioria das famílias tradicionais ainda faziam *chicha* no aniversário, no casamento, batismo das crianças, sempre com a presença do *xiru*. (Norina Savala, em entrevista em abril de 2014).

A presença do *xiru* não é exclusiva da vida dos rezadores, ela prevalece muito na vida dos Kaiowa em geral, como apareceu na conversa com um professora que trabalha na escola com a disciplina de língua materna guarani sobre os significados dos *xiru* para o Kaiowa, a professora Catalina Rodrigue de Souza 49 anos de idade:

Xiru é importante para o Kaiowa, muitas pessoas que usam ele precisam ter reza própria, *ombopiroy hagua*, também se as pessoas não rezam, não devem nem tocar neles, *xiru* não pode ser deixado sozinho numa casa, que depois de sete dias ele pode se tornar ou fazer nascer alguns tipos de animais, tipo filhotes de gato muito pequenos. *Xiru* antigamente era lavado com água pelo seu dono que dava esta água para alguma família tomar ou para criança tomar banho, lavar a cabeça da criança para os espíritos não chegarem perto dele. Assim se fazia muito antigamente, hoje quase não acontece mais isso, pois há muito evangélico, mas a família leva também água para benzer e isso

eles levam para sua casa para usar, beber e fazer outra coisa com esta água benzida na igreja.

Os (as) alunos (as) também possuem este conhecimento e procuraram saber das importâncias do *xiru*, o significado para eles é muito importante para que possam desenvolver suas experiências e poderem transmitir para suas famílias geração em geração. Conversando com o aluno de nono ano Valdir Gonçalves, de 14 anos de idade este me relatou que

Para mim o *xiru* é um maestro que está na casa de reza, *ñanderu* que usa isso, eu quando estou por perto dele me sinto muito aliviado e com muita saúde também. Ele apresenta o som de um trovão e pode ser também uma onça se plantarmos um dente de onça juntos com o pedaço dele e ele pode se tornar muito grande, por isso foi colocado nos quatro cantos da terra para cuidar da vida. (Valdir Gonçalves, em entrevista em outubro de 2015).

Para os estudantes da escola, o *xiru* é grande e importante e isso faz muito bem para eles que assim podem saber mais ainda sobre o *xiru*, que acreditam ter o poder e significado na vida social deles.

Natalia Lemes é aluna de nono ano, tem 16 anos de idade e disse que o *xiru* “é importante para benzer crianças, por que ele tira doença que tem na gente, nas pessoas, eu me sinto muito alegre, feliz, parece que meu espírito quando está junto com ele está protegido, dos males que está em volta.”

Os *ñanderu kuera* falam cautelosamente sobre o *xiru*, de sua importância para os Kaiowa, dos valores que tem pelo *xiru ñemombae guasu*, ele relata muito bem sobre ele, os cuidados que tem e reza para o próprio *xiru*, o fortalecimento, o respeito. Foi muito importante na minha consciência buscar essas informações, registrar em memória, no *kuatia*, valorizando o conhecimento vivido pelos kaiowa. Atualmente há poucos mestres tradicionais que podem nos repassar essas informações, contribuindo com muito valores de saberes, de nossa história. Vivemos perspectivamente muito dispersos, agora precisamos valorizar os *ñanderamoi kuera*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa contribuiu muito com a minha formação e as experiências vividas junto com os rezadores. Assim levo este trabalho para compartilhar com os alunos (as) e com a minha comunidade, para podermos refletir um pouco sobre o cosmo kaiowa, considerado muito importante por mim. Percebi que diante desta trajetória dos kaiowa vivenciadas em nosso território tradicional, constatei que o instrumento mais valioso é o *xiru*, que produz a alegria que nos deixa se sentido muito felizes por ser Kaiowa.

Mesmo com dificuldades de compreender o mundo dos *karaí reko*, tentei fortalecer o nosso *ava reko*. Através desta pesquisa consegui compreender a concepção da realidade do *xiru*, da sua grande parte do cosmo na visão dos *kaiowa ñanderu rembiporu teevea*. Procurei buscar uma parte da história relatando e deixando registro como contribuição de conhecimento para outros acadêmicos e para os alunos que queiram conhecer a história do *xiru*.

BIBLIOGRAFIA

MURA, Fábio. A trajetória dos *chiru* na construção da tradição de conhecimento Kaiowa. Revista Mana, Rio de Janeiro, 2010.